

35º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS  
GT 31 – SAÚDE, EMOÇÃO E MORAL  
JUVENTUDE RURAL, CORPO, SEXUALIDADE E SAÚDE:  
VIVÊNCIAS, SENTIMENTOS E SIGNIFICADOS  
*Maria de Assunção Lima de Paulo (UFRPE)*  
*Valdonilson Barbosa dos Santos (UFPE/UFMG-CDSA)*

**Introdução:**

O indivíduo habita o seu corpo em consonância com as orientações sociais e culturais que se impõem, mas ele as remaneja de acordo com seu temperamento e história pessoais. (BRETON, 2009, p. 41)

David Le Breton em sua obra Sociologia das emoções, afirma que o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída (BRETON, 2010). A vivência da juventude como uma etapa da vida socialmente construída, por meio da qual os atores que a vivência estabelecem suas relações sociais, têm sua marca principalmente na experiência do corpo. Essa vivência, por sua vez, não é refletida apenas neste, mas, sendo este um complexo de representação de si, os sentimentos, sentidos e vivências são nele expressos, sendo ele, ao mesmo tempo, o lugar de sentir, refletir e viver a si e ao outro, pois antes de qualquer coisa a vivência é corporal.

Como afirma Mauss, ao discutir as noções de técnicas do corpo, um dos principais momentos de educação e controle do mesmo é a iniciação (MAUSS, 2003, p. 413). Assim, a juventude, apesar de em nossa sociedade não ser marcada por ritos claros de passagem, é o momento do *curso da vida* (PAIS, 1999) em que por meio do corpo, o indivíduo estabelece relações, define suas identidades de gênero e, por meio da visão de si e do outro, estabelece suas práticas de cuidados corporais, seus sentimentos, suas emoções, expressos principalmente na vivência da sexualidade.

De fato, é nesse período que as diferenças, socialmente construídas, de gênero ganham mais ênfase, delimitando os usos do corpo para *rapazes* e *moças*. No espaço social por nós pesquisado, essas diferenças são contornadas por questões morais

tradicionais, bem como por conhecimentos construídos e transmitidos por instituições modernas, que implicam nas emoções e vivências do corpo e da sexualidade.

No espaço deste artigo, buscaremos analisar as práticas de saúde sexual dos jovens rurais, rapazes e moças, e como estas, estão vinculadas às vivências do corpo, permeadas por sentidos e emoções, pois compreendemos que:

(...) os usos físicos do homem dependem do conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da reação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator (BRETON, 2010).

A juventude rural é uma categoria nova, construída por instituições alheias ao meio rural, (Estado, Sindicatos, Movimentos, Academia) não sendo vivenciada pelos atores a qual se refere de forma homogênea, embora que, por meio de um processo de reflexividade (GIDDENS, 1991), tenha de alguma forma, interferido na vida social dos mesmos. Estamos aqui nos remetendo aos jovens que vivenciam uma situação juvenil específica (SPOISITO, 2003; ABRAMO, 2005) por ter o meio rural como “*lugar de vida*” (WANDERLEY, 2009) a partir do qual constrói suas relações e visões de mundo. Diante disto, optamos por adotar neste trabalho as categorias locais de classificação: *rapazes* e *moças*. O termo *moça*, no meio rural estudado, não faz referência simplesmente à idade ou à condição de solteira, mas diz respeito, antes de tudo, àquelas jovens que ainda não iniciaram sua vida sexual, remetendo-se, portanto, à virgindade, o que implica nas relações sociais que com estas se estabelecem, visto que, as “não virgens”, são estigmatizadas e denominadas mulheres ou “*moças perdidas*”. *Rapaz*, diz respeito aos jovens do sexo masculino e, em geral, solteiros.

Entendemos que o meio rural é heterogêneo e multifacetário, por isso deve ser estudado considerando os diversos contextos e processos sócio-históricos que o formam. Os jovens rurais aqui estudados vivenciam uma faceta e uma dimensão desse rural, são filhos de agricultores camponeses, os quais possuem a tradição de um “modo de vida” que tem a terra, o trabalho e a família como elementos interdependentes, responsáveis pela construção da coletividade familiar que se mantém como uma ordem moral.

Tal família, ao ser entendida como uma coletividade, durante muito tempo, os seus membros foram, tanto no seu interior, como pelos estudos sobre ela desenvolvido, invisibilizados, em função da manutenção e reprodução da propriedade familiar da terra, com quem mantém uma relação ética (WOORTMANN, 1993, 1990), e do seu *modo de vida*. Assim, as diferenças geracionais, apesar de serem perpassadas por conflitos e afetos, eram entendidas no seio da família e relegadas em função da manutenção desse modelo familiar.

A partir da década de 1990, os estudos sobre a juventude como ator social específico, embora não deslocado desse modelo familiar, foram se desenvolvendo com ênfase principalmente nas preocupações com processos sucessórios e seus efeitos para esse modelo familiar, as políticas direcionadas para tal, a inserção do jovem no trabalho agrícola ou em outras modalidades de trabalho e a interferência das mudanças no meio rural - o que se tem entendido como novo rural ou, por outra visão, novas ruralidades - na vida desses jovens, implicando em sua permanência ou saída daquele meio. Poucos são os trabalhos que visem compreender a vivência da juventude por parte desses jovens rurais, suas emoções, sentimentos, sentidos do corpo, vivências da sexualidade<sup>1</sup> e da saúde reprodutiva. É nesse sentido, que este artigo visa contribuir.

Pesquisamos jovens rurais, *rapazes e moças*, que vivem no pequeno município de Orobó-PE. Este tem a particularidade de ter 75,1% da sua população vivendo no que o IBGE, oficialmente denomina meio rural. Por este motivo, se constitui um “município rural”<sup>2</sup>. No interior do mesmo, pesquisamos cinco comunidades, a sede e o distrito. Nestas, por meio de entrevistas semi-estruturadas e de observação participante, buscamos compreender como os atores pesquisados constroem sua identidade na relação com o “outro” e como o corpo e as emoções, marcam essas identidades, definem suas posições, interferem em suas relações e implicam na sua saúde.

---

<sup>1</sup> Quanto a esse tema, a tese de Vanda Silva, intitulada: *Menina Carregando Menino* (SILVA, 2005) é uma importante referência. Também um capítulo do livro *Gênero e Geração em contextos rurais*, intitulado: *Juventude rural e sexualidade: elemento para pensar a identidade*, aborda a vivência do namoro e sexualidade pelos jovens rurais de Orobó- PE (PAULO, 2010).

<sup>2</sup> As relações de interconhecimento, a vida em pequenos grupos e a proximidade com a natureza, mas que possui um *ethos* urbano que não pode ser minimizado ao concentrar em sua sede a maioria dos serviços básicos e a população da mesma se autodenominar urbana. (MENDRAS, 1978 WANDRLEY, 2002).

Consideramos como Giddens (1989) que a vida social é formada por uma realidade objetiva externa ao sujeito, mas tal realidade é produzida e reproduzida nas ações individuais. Com o esforço de conjugar nossa metodologia com a perspectiva teórica adotada, buscamos nos inserir no universo de pesquisa tendo como foco duas dimensões: a realidade em si e os significados que os atores atribuem a mesma, com base nos processos de interação dentro e fora do seu contexto.

Uma das dimensões que determinam a forma como essa realidade social é vivenciada, significada e transformada pelas ações sociais, diz respeito à definição dos sujeitos (GIDDENS, 1989) do qual estamos falando, como também do contexto em que os mesmos estão inseridos. Assim, antes de tudo, foi necessário definir quem seriam os sujeitos pesquisados.

Assumindo que os indivíduos são capazes de produzir e reproduzir a realidade social em um dado contexto de interações, continuamos na perspectiva de Giddens (1989) que considera que os mesmos devem ser compreendidos como *agentes* ou *atores* sociais e isso faz diferença no momento de definir os métodos a serem adotados na pesquisa.

Assim, entendemos que ao buscarmos compreender as emoções, o controle do corpo e a visão dos jovens sobre as doenças sexualmente transmissíveis, estamos compreendendo como esses atores sociais inscrevem suas emoções em uma teia de significados e de atitudes que levam a uma transformação das relações sociais que a produzem, já que o indivíduo é produtor e reproduzidor das estruturas estando a mesma inscrita no seu corpo ao mesmo tempo que inscreve-se socialmente.

Mesmo considerando que a juventude é uma categoria socialmente construída que não pode ser definida por critérios cronológicos e aceitando que a definição de uma faixa-etária classificatória da juventude é sempre arbitrária para fins de pesquisa, foi necessário assumir um recorte etário que desse a possibilidade de delimitar a amostra e escolher os sujeitos que dela iriam fazer parte. Assim, com base nos critérios adotados pela UNESCO e por vários estudiosos da juventude no Brasil (ABRAMO, 2005; NOVAES & VANNUCHI, 2004; BRUMER E SPANVANELO, 2008) e assumindo os

limites dessa classificação, optamos por trabalhar com os “atores” que se encontram na faixa-etária entre 14 e 25 anos de idade.

### **A vivência do corpo e das emoções: as relações amorosas entre os jovens rurais.**

Consideramos como Scott que o gênero é uma criação social (SCOTT 1991). Esta autora dá relevância aos sistemas de significação, que sem dúvida, merecem uma atenção redobrada porque é através deles que podemos compreender a formação e costuras das relações sociais. Por isso, é indispensável em qualquer estudo procurar emergir no mundo dos sistemas de significação porque eles nos darão o passaporte para uma interpretação mais aproximada da realidade.

Partindo desses pressupostos, procuramos fazer uma reflexão que busca os sentidos e os significados de gênero para além da focagem na sexualidade, que privilegia a divisão entre masculino/feminino ou da dicotomia entre homem/mulher, é necessário, também, procurar fazer um mapeamento das áreas semânticas e das ações relacionadas ao gênero. Esse mapeamento é possível, na medida em que procuramos fazer nossa reflexão pautada na busca da compreensão das ações humanas, estabelecendo como foco central de análise os sistemas simbólicos que são a base das significações das coisas. Por isso, o gênero deve ser entendido como uma categoria que extrapola o nível das ações sexuadas.

Portanto, as significações de gênero são mais amplas, englobam uma infinidade de conteúdos e fatores sociais, estão presentes nas coisas, nas instituições, nas pessoas, nas brincadeiras, nos sistemas de relações sociais de uma forma geral.

Nesse sentido, gênero aparece como categoria fundante da experiência sexual vivenciada pelos sujeitos em suas trajetórias de vida. Mas, apesar de se poder atestar um quadro de mudanças significativas na sexualidade feminina na sociedade ocidental em geral, há que se relativizar, pois comportamentos e experiências sexuais não são generalizáveis, porque estão ancorados em teias de significados atribuídos pelos indivíduos em seus contextos históricos e culturais, podendo ter significados diferentes entre culturas e dentro de uma mesma cultura, ou seja, não se pode afirmar que haja uma

universalização em termos da liberação sexual feminina, particularmente no tocante à virgindade, é preciso não só considerar a diversidade cultural, mas a dimensão religiosa e o contexto familiar em que as mulheres e homens foram socializados.

Entre os jovens rurais de Orobó, a vivência da sexualidade se constitui um rito de passagem da infância para a juventude, da condição de menino para homem. O rapaz necessita do corpo feminino para se tornar homem. Já para as moças, passar da condição de moça para mulher de forma aceitável, a relação sexual deve estar socialmente permitida pelo ritual do casamento. Se acaso a mesma mantiver relações sexuais antes, ela passa da condição de moça direita para moça perdida ou mulher perdida. A vivência da sexualidade imprime sobre o corpo do rapaz a marca da masculinidade, no corpo da moça, a marca da transgressão. Como afirma Pierre Clastres, “a sociedade imprime a sua marca no corpo dos jovens.” (CLASTRES, p. 128, grifos do autor). Assim, por meio da vivência da sexualidade os jovens definem sua identidade de gênero e geração.

Guacira Lopes Louro afirma que “nossas identidades de raça, gênero, classe, geração ou nacionalidade estão imbricadas com nossa identidade sexual e esses vários marcadores sociais interferem na forma de viver a identidade sexual; eles são, portanto, perturbados ou atingidos, também, pelas transformações e subversões da sexualidade” (LOURO, 2000).

Os *rapazes e moças* do meio rural de Orobó constroem sua identidade de forma relacional e como fluxo, a partir das relações de gênero, geração e lugar (PAULO, 2010). Assim, definir-se como *rapaz* que vive no meio rural, em uma comunidade próxima à cidade, implica em identificar como o “outro”, os rapazes da cidade, os adultos, as moças e outros rapazes rurais que vivem mais distantes e por isso são denominados como mais matutos. Nesse sentido, por meio do corpo, dotado de uma capacidade de comunicação por meio das posturas, roupas, das mãos calejadas pelo trabalho no campo, da forma de andar, dos gestos, na interação, evidencia-se uma forma específica de ser jovem. Como afirma Breton (2009, p. 40) “não é apenas a palavra, mas o corpo, as atitudes, as posturas que primeiramente evidenciam a presença do outro na interação”.

Os espaços da interação pautadas na sexualidade são aqueles onde a forma como o corpo é simbolizado pelos jovens se traduz em posturas, sentimentos e sentidos.

Orientados por questões morais, pautadas na tradição da família patriarcal camponesa - onde o pai deve ter o controle, poder e dominação sobre os filhos e as filhas, principalmente, devem-lhe total obediência, inclusive no que diz respeito ao uso dos seus corpos - as relações de gênero, são especialmente marcadas por uma diferença na percepção dos jovens, nas posturas, nos sentimentos e nas expressões dos mesmos.

Certo dia, ao conversarmos com um rapaz sobre a questão da virgindade, ele argumentava sobre necessidade de que a moça permanecesse virgem, condição não necessária ao rapaz. Ao questioná-lo, ele enfatizou que a moça deve ser pura como nossa senhora. O corpo da mesma não deve ser tocado, a ela não deve ser devida qualquer emoção relacionada ao prazer, o corpo deve ser por ela, pela família e pela sociedade, controlado. Nesse sentido, a falta de controle do corpo por parte da mesma, implica uma não aceitação social e nas relações que a mesma estabelece com o mundo e com o outro. Fundamentado na religiosidade, o controle social do corpo da moça deve ser expresso na forma como se porta, como se relaciona.

O rapaz, por outro lado, deve respeitar as *moças* que se “deem ao respeito”, e esse respeito tem o sentido de contribuir para que o corpo da mesma continue casto. Assim, é aceitável, que estando namorando ou noivo de uma moça de “boa família” ele, por necessidade, procure mulheres “por fora” para satisfazer suas necessidades “físicas” de sexo. Nesse caso, o amor desvincula-se do sexo e as emoções são socialmente separadas nesses dois aspectos. Por outro lado, é aceitável por parte da moça esse tipo de traição, uma vez, que ela não pôde lhe proporcionar o prazer que lhe é “necessário” naquele estágio da vida. É o que percebemos na fala de M.N, sexo feminino. Ao questioná-la sobre se acaso o seu namorado mantivesse uma relação sexual com outra mulher enquanto namorava com ela, a mesma respondeu: “Pra mim se ele pedisse pra mim... e eu acho assim se ele fizesse com outra né? Ele me pedisse pra fazer e eu num quisesse, ele dizia assim: eu pedi pra você e você num quis... Ai eu perdoaria. É, pra um home ele sempre é ganhão como eu tava dizeno, mas pra mulher se o pessoal súber ai diz essa mulé é safada. E já o home é do outro jeito, se pegarem ele com outra ai diz eita aquele é ganhão mermo (M.N. 18 anos, sexo feminino, comunidade de João Gomes).

Dentro dessa relação, o ciúme, como um sentimento socialmente construído é racionalizado pela necessidade de manter a relação. Assim, a *moça*, ao naturalizar a

necessidade de sexo do *rapaz*, opõe o prazer e o amor, estabelecendo a sua identidade de *moça* direita para o casamento, merecedora do amor e do respeito pela capacidade que possui de controlar seu corpo, em relação à “outra” com quem o namorado ou noivo se relaciona apenas por prazer.

Nesse sentido, podemos nos amparar em Mauss, para quem os sentimentos constituem uma linguagem. As formas de expressão dos sentimentos não são naturalmente dadas, mas, segundo o trabalho clássico de MAUSS (2001, p. 153), têm a obrigatoriedade dos fatos sociais: “mais do que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica”.

Como o ciúme, o amor passa deve ser então visto como um sentimento socialmente construído. No primeiro caso, o da *moça* direita, o amor deve estar desvinculado do corpo ou para além dele, no segundo, o prazer, significa o “uso” no sentido utilitário da palavra, do corpo da outra para a satisfação da necessidade “vital”, do homem. Foi o que Salém (2004) denominou de uma “teoria sexual pulsional” onde desejo e necessidade se conectam precisando ser imediatamente satisfeitos.

Nesse sentido, o amor, o desejo e o ciúme, sentimentos socialmente indispensáveis para a manutenção das relações amorosas são racionalizados em um jogo de poder e dominação definidas socialmente por questões de ordem moral. Dante disto, concordamos com Breton (2009) para quem opor “razão” e “emoção” seria desconhecer que ambas estão inscritas no seio de lógicas pessoais, impregnadas de valores e, portanto, de afetividade. Existe uma inteligibilidade da emoção, uma lógica que a ela se impõe; da mesma forma, uma afetividade no mais rigoroso dos pensamentos, uma emoção que o condiciona.

A percepção dos corpos feminino e masculino em nossa sociedade como um todo, é diferente e se estabelece em uma relação e poder, onde naturaliza-se a necessidade sexual. Por mais que a visão sobre o sexo e sexualidade feminina tenha se modificado com a liberação sexual, o sentido dessa liberdade ainda é vivenciado de forma diferente por homens e mulheres, foi o que percebeu Mirian Goldenberg (2006) ao estudar a



vivência da sexualidade entre jovens rurais e urbanos de um bairro de classe média na cidade do Rio de Janeiro. Apesar da virgindade já não ser mais um forte tabu, as mulheres vivenciam a sua sexualidade de forma mais tímida quando comparadas aos homens, não só em termos da quantidade, mas da frequência e diversidade de parceiros, resquícios de uma construção sociocultural de gênero.

Enquanto o sexo é colocado para os rapazes de Orobó como uma necessidade, as moças solteiras não devem demonstrar esse desejo, ter desejo significa não ser direita. No máximo a relação sexual para uma moça pode aparecer como uma curiosidade. É o que vemos na fala da moça que segue: (I.H. sexo feminino, comunidade de Caraúbas, 17 anos).

Eu acho que sente curiosidade né, porque como toda coisa né, que você nunca fez, que você não sabe como é, você quer aprender, você quer saber como é, você quer passar por aquilo, eu acho que é mentira alguém dizer que namorou um ano e o namorado nunca sentiu vontade, porque tem a curiosidade, acho que segura é os tabus da família, é o medo dos pais, é justamente a responsabilidade de que não pode, porque tem algum principio pra isso, tem algo que não quer. Mas que sente vontade, que tem a curiosidade eu acho que sim. Elas tem.

Compreender como curiosidade e não como desejo, atribui a moça a inocência, o não desejar o “fruto proibido”, apenas querer saber que fruto é. O desejo sexual denota uma postura de moça fácil, embora, como veremos mais à frente, depois de casada, já se considere a necessidade do desejo da mulher e não apenas do homem.

A virgindade feminina é sempre imposta como uma necessidade pelas moças de Orobó. Para elas, apesar de em uma situação ideal os rapazes devessem ser virgens, sendo o controle do corpo uma prova de amor, só às moças é exigido que se mantenham virgens até o casamento. A virgindade da mesma resguarda o respeito que ela terá diante da sociedade e do seu namorado ou futuro cônjuge.

Nesse sentido, entendemos que as emoções são também produtos sociais (MAUSS, 2001; ELIAS, 1994). Elas são expressas no corpo e delimitam no universo do jovem a vivência da sexualidade a partir da distinção entre o amor e o desejo, o primeiro significando o controle sobre o corpo feminino e masculino e o segundo, o descontrole e o descumprimento da ordem social. Por amor, o rapaz respeita a moça virgem e não

cobra dela relações sexuais, por amor, o rapaz não é infiel à moça, sendo o desejo, visto como algo biológico, o que leva o mesmo à traição, até certo ponto permitida, quando a moça com quem mantém oficialmente um namoro ou noivado é virgem. Com a “outra” pouco respeitada socialmente, há a obrigatoriedade do uso de preservativo, sendo esta, a culpada pelas doenças que por ventura, este venha a adquirir.

Em uma reunião realizada em uma das escolas de ensino médio do município, ao conversar com uma turma de 34 alunos, composta por 3 rapazes e 31 moças sobre a virgindade, o debate se deu da seguinte forma: os rapazes argumentavam que não tinham preconceito contra as *moças* que não fossem virgens e que amando, casar-se-iam com elas e esqueciam esse fato. As moças, falavam que as mesmas teriam o direito de ter vida sexual ativa, mas discordavam dos rapazes em relação a não ter preconceito. Uma delas afirmou o seguinte: “sabe por que a moça não pode se entregar pra o homem antes? Porque se não der certo o namoro, ele depois deixar ela pra lá, e se ela casar com outro, mesmo que ele case, com qualquer briga que tiver, vai dizer: tu não era de nada, eu não devia ter casado... a mulher fica sem moral né? Sem ter o que dizer”.

Ao rapaz, mesmo que “não tenha preconceito e case-se com uma moça que não seja virgem” cabe esquecer que ela não é. A moça não tem o que esquecer, a atividade sexual do homem é evidente, natural e tácita. O corpo da mulher é o lugar da “moral”, do controle. Não controlar seu corpo, a deixa sem poder ou capacidade de argumentar na relação com o rapaz. Ao não controlar seu corpo e perder a virgindade, ela deixa de ser, passa a “não ser de nada”, o erro, o que não deveria ser. Ao mesmo tempo, esse corpo puro deve ser usado como moeda de troca para um possível matrimônio, para se obter o respeito, a moral. É o que deixa claro a fala dessa outra moça: “Eu acho que a moça deve casar virgem, mas não discrimino, acho que a moça e o rapaz devem casar virgem, se se gosta um deve esperar pelo outro. Mas é muito difícil encontrar um rapaz virgem hoje em dia” (E.B. 25 anos, Comunidade de João Gomes).

Bourdieu (2003) na sua obra a dominação masculina afirma que esta dominação está presente também no discurso e nas práticas femininas, uma vez que faz parte de um *habitus* e se impõe como uma violência simbólica de forma naturalizada ao dominado. A visão e a vivência do corpo por parte dos jovens se inscrevem nessa dominação masculina simbólica e fisicamente. É o que podemos perceber na fala que segue:

Não num é preconceito não. Isso é besteira. Eu acho que isso é besteira. Porque se tem de ser da pessoa num por causa disso que num vai ser. Agora a pessoa tem que ser mais segura né? Eu acho que a pessoa tem que ser mais segura. Porque ai vai tem relação com a pessoa ai a pessoa vai e dexa pra lá.

No entanto, “segurar” a virgindade é uma forma de dominação masculina e de resistência feminina, como uma forma de poder uma vez que ao mantê-la, ela busca manter também o desejo que vincula o rapaz a ela e a possibilidade de casamento. Para exercer essa resistência, o outro, a moça deve dominar seu corpo, seus desejos e emoções, enquanto o rapaz tem o direito e a obrigação de ceder a eles. Na perspectiva de Gaudêncio (2004, p. 63), existe uma luta entre “o próprio corpo e corpo próprio (...); entre o corpo do desejo e o corpo da norma, da regra, da lei; entre o corpo erótico, infinito combate, e o corpo moral (...). Daí, a luta violenta entre o corpo individual e o corpo social, o corpo enquanto pertença e causa da individualidade, o corpo enquanto lugar de exercício do controle.”

Nesse sentido, a relação afetiva acontece como um jogo onde os corpos e as emoções do rapaz e da moça são controlados e conflitados com questões de ordem individual e social. Como afirma Breton, (2009, p. 113), “a afetividade simboliza o clima moral que envolve em permanência a relação do indivíduo com o mundo e a ressonância íntima das coisas e dos acontecimentos que a vida quotidiana oferece sobre uma trama descontínua, ambivalente e inatingível por conta da complexidade de seu mosaico”.

Apesar disso, no entanto, há uma significativa mudança de percepção intergeracional no que diz respeito ao corpo e a sexualidade. Uma dessas mudanças relaciona-se à forma como a vivência “permitida” da sexualidade é considerada por rapazes e moças. Atualmente, o prazer sexual feminino, alhures silenciado e inapropriado, pode e deve existir na relação entre o casal institucionalmente aceito. O casal, casado, deve compartilhar desejos e a relação sexual deve, ao menos no discurso, ser permitida e desejada pelos dois. Assim, o orgasmo, desconhecido pelas mães e nunca por elas reivindicado e mesmo se vivenciado, até condenado, se torna algo conhecido e desejado na relação das moças, filhas destas com seus maridos. Vejamos a fala desse rapaz: “Ah eu acho que a mulher tem que querer também, só pode fazer se ela tiver vontade né? E d mesmo jeito que o homem tem que se satisfazer, depois de casada, a mulher também tem”. V.O, 20 anos, sexo masculino, comunidade de Caraúbas).

Evidentemente, temos que considerar que essa valorização do orgasmo feminino é uma condição das instituições modernas, sendo a saúde física e psíquica a justificativa construída para tal. Assim, por meio da escola e dos meios de comunicação, as moças e os rapazes adquirem tal conhecimento e o reinterpretam e adequam a seu ambiente.

Outra mudança acontece dentro do próprio período socialmente aceito como juventude e da faixa aqui adotada para delimitar o universo de pesquisa. As moças mais jovens vivenciam de forma um pouco diferente das moças com mais idade a juventude no que diz respeito às relações amorosas. Enquanto o controle do corpo das últimas acontece de forma mais enfática pela família, as mais jovens já gozam de certa liberdade e estão rompendo com alguns tabus, embora, no discurso das mesmas a relação sexual não faça parte da vivência de uma moça solteira. É comum que aquelas que possuem mais idade falem das outras como as que, por terem mais liberdade, não possuem mais os valores morais que elas possuíam. Estabelece-se aí uma distinção dada pelo comportamento, que separa, no discurso daquelas mais “presas”, as “direitinhas” das mais “avoadas”. O que vemos na fala que segue: “... as moças com menos de vinte anos estão mais saídas, mais liberal, fica com um e com outro. Não tem muita vergonha de fazer as coisa. As vez até tem relação com o namorado muito cedo, sem nem conhecer direito”.

De forma geral, a relação sexual do ponto de vista das moças é sempre algo atribuído ao outro. Elas falam teoricamente sobre o assunto e rementem às outras tal prática. A liberdade dada ao corpo é entendida como agressão social e deve ser evitada, criticada. Falar da mesma como atitude do outro, de forma crítica, afasta de si a suspeita e instaura na relação com a pesquisadora um ambiente de confiança a partir do qual a moça pode falar da sexualidade.

### **Saúde sexual dos jovens rurais: as implicações das informações e das questões morais.**

Sarti afirma que o corpo e a doença constituem objetos de conhecimento e não encontra um modo de acesso único (SARTI, 2010). Dessa forma, ao abordarmos as questões referentes à saúde e a sexualidade de rapazes e moças do meio rural, devemos

levar em conta os significados que os mesmos atribuem ao corpo, mas também à saúde reprodutiva e à sexualidade.

Entendidas como questões culturais, estas, devem ser consideradas como interpretações que mudam com a cultura, os tabus, as questões morais. Entendemos que a saúde e a doença são interpretadas socialmente, sendo os sintomas, a forma como expressa a dor e a vivência da mesma, dependem da visão do indivíduo sobre seu corpo e sobre a doença à qual está acometido (PHILLIPE e HERZILICH, 2001). Nesse sentido, os processos de cura e prevenção devem levar em conta esses conhecimentos, as questões morais que perpassam aquela cultura e as informações obtidas de instituições modernas.

As visões sobre a doença, portanto, dependem das representações que temos do corpo, sendo esta visão cultural e socialmente construída. Ao percebermos a saúde e a doença de forma holística, rompendo com a visão biomédica, temos condições de compreender não somente os sentidos das doenças, os sentimentos em relação à mesma, mas as dificuldades das políticas de saúde atingir seus objetivos.

As preocupações com saúde sexual dos jovens no universo estudado é algo que deve remeter-se, em primeira instância aos rapazes, uma vez que às moças é negado o direito de viver sua sexualidade de forma permitida, como vimos acima, o que também as faz não procurar serviços de saúde com esse intuito.

Para grande parte das moças, a não vivência da sexualidade é algo que simplesmente não precisa discutir, “é assim mesmo”, sendo justificada com base na tradição, usando um tipo *reflexividade coercitiva*. No entanto, as que tiveram maior acesso a educação, buscam marcar uma distinção e seu pertencimento a um modelo de juventude construído pela mídia e mesmo pela escola, busca provar que tem acesso a determinados conhecimentos, sendo a sexualidade algo que deve ser conhecido, porém, por elas não praticado. Assim, muitas moças constroem explicações pautadas em um modelo de reflexividade moderno, baseado no conhecimento científico aprendido na escola. É o que vemos na fala de I.H, comunidade de Caraúbas, 17 anos).

Hoje em dia a escola ensina né? Não tem como a pessoa num se prevenir. As doenças são muitas e com a AIDS por aí né? Existem muitas formas de se prevenir de gravidez, mas, das doenças é o uso da camisinha né? (...) olhe tem doenças além da AIDS como sífilis e outras mais que nun tô lembrada. Mas é

preciso os jovens se prevenir né? Principalmente os rapazes né? Porque eles as vezes, tem as necessidades deles e saem com uma e com outra, aí quando casa, já passa doença pras mulheres.

As moças mencionam as doenças como algo distante delas, uma vez que só aos rapazes é permitida a vivência da sexualidade, as doenças sexualmente transmissíveis são objeto de informações, mas não um perigo iminente às mesmas. Ter a informação, no entanto, é um elemento constituidor importante da identidade de jovem (HALL, 2005; WOODWARD, 2007) visto que a representação da vivência da juventude por parte da mídia e de outras instituições modernas remete a informação e o conhecimento à vivência da mesma. Assim, falar de sexo pode ser um elemento de distinção em um universo onde se busca opor o jovem da rua ao do sítio, o matuto ao moderno.

As moças do meio urbano, por sua vez, com o intuito de marcar uma distinção na sua situação juvenil, opondo-se às “matutas”, como denominam as moças do meio rural, têm a preocupação de deixar claro seu conhecimento sobre o assunto e as do meio rural, apesar de falar sobre, o fazem com timidez e distanciamento, guardando sua reputação e com o cuidado de não vincular o conhecimento a uma prática.

Ao conversar na escola com A. J. (sexo feminino, moradora da cidade) sobre questões sexuais, a mesma buscou deixar claro todas as informações que possuía e falando de forma clara desinibida, sem preocupação de tentar deixar claro que não tinha vida sexual ativa, ela disse: “Veja, hoje, a gente sabe que existem vários métodos para evitar filho e para não pegar doença. Para evitar filho, a camisinha, o coito interrompido, o anticoncepcional são todos métodos que devem ser usados. Mas é bom que a pessoa use a camisinha por causa de doenças”. Ao questionar quais as doenças que a mesma conhece, ela continuou “AIDS né? Sífilis, gonorreia e várias outras”. Olhe, o jovem hoje tem que se prevenir.

O diálogo com esta outra moça da comunidade de João Gomes, 25 anos, professora, graduada em pedagogia, denota o peso da tradição patriarcal e de controle do corpo da moça e coloca o meio rural, seus valores e formas de ver o mundo como um lugar a partir do qual é necessário considerar as especificidades para falar de seus atores, sendo pertinente tomar esse universo e suas particularidades como preocupação científica e das políticas públicas. (F.M. 25 anos, sexo feminino, comunidade de Joao Gomes).

F- Eu sou bem dessa tradicional mesmo.eu sou contra isso. Só após o casamento. Esse é o modo de ser ensinado né? Ensinado aqui em casa. Eu sou contra.

P- E você acha que nem o rapaz, nem a moça, ou pra o rapaz é possível e para a moça não.

F- É eu acho que é mais a moça né? Pra o rapaz não é muito. Não. Sei lá. Eu acho que o rapaz é menos.

P- O que acontece quando as pessoas sabem que uma moça fez sexo antes do casamento?

F- Fica muito visada né? Acho que fica muito visada. As pessoas falam mal dela.

P- Por aqui se as pessoas sabem disso, essa moça tem possibilidade de casar ainda?

F- Tem! Hoje em dia né?

P- Então os rapazes daqui aceitam?

F- Aceitam.

P- E vc acha que quando acontece isso os rapazes abandonam a moça ou casam?

F- Eu acho que cada caso é um caso. Acho que varia de pessoa pra pessoa. Mas, eles não assumem não.

P- E com relação as moças que engravidam, engravidam solteiras né? elas ficam mal faladas?

F- Hum! É como eu falei né? Fica visada mas com o passar o tempo o pessoal vai esquecendo e normaliza tudo.

P- E qual a sua opinião sobre uma moça engravidar solteira?

Eu acho que é uma pessoa que não tem uma boa conduta em casa, não tem diálogo com os pais, não se relaciona bem com os pais. Não tem apoio, não tem uma boa conversa e não tem um diálogo aberto com os pais, uma pessoa inexperiente. Ai termina se entregando facilmente e não sabendo do futuro, das conseqüências que virão.

P- e como deveria ser esse diálogo?

F- Pra moça dar-se o respeito né? Não se entregar, porque é uma irresponsabilidade.

P- E quanto ao uso do preservativo? Você acha que os pais deveriam falar?

F- Olhe aqui eu nem sei dessas coisas viu? Gosto de falar disso não, mas não tá vendo que os pais aqui não vão ensinar isso. Se ensinar, pronto, as moças vão tudo se perder. As moças tem que se dar o respeito. Eu sou muito tradicional.

P- E o rapaz, pode manter relação sexual antes do casamento?

F- Olhe, o certo seria não né? Mas você acha que tem rapaz virgem? Eles não aguentam não, tem as necessidades deles né? E pra os homens nada pega né?

P- E os pais deveriam então incentivar o uso do preservativo entre eles?

F- Olhe, acho que é difícil viu? Os pais aqui não sabe disso não. Quando se fala na escola eles acham ruim. Sei não, olhe esse desse assunto eu não entendo muito não. Sei não.

Como percebemos, a moça, apesar de naturalizar a necessidade do rapaz de buscar o sexo antes do casamento, questiona se ele não deveria se manter virgem, colocando assim a virgindade como um importante valor e o sexo antes do casamento como algo condenável. Sendo assim, não cabe aos pais falar sobre sexo, mas incentivar e aconselhar, principalmente para as moças, que não se pratique.

Quanto ao uso do preservativo, as opiniões dos jovens buscam se colocar da forma a demonstrar informação sobre o assunto. A maioria dos jovens, rapazes e moças, considera que este uso deve ser feito inclusive no casamento.

“é certo o casal, mesmo casado usar preservativo. Pois o homem as vezes dá seus pulo né? Ai a mulher fica doente. Eu mermo conheço uma mulher aqui que ficou doente dessas doenças por causa do marido que procura mulher por fora né? A gente na escola até ensina a criança que tem que usar preservativo. Mas os pais aqui, muitos, todos não, mas muitos são ignorante ai diz que a gente ta ensinano safadeza aos menino. A gente quer fazer uma reunião com os pais pra ensinar os filho, mas eles vão não. Uns diz que não vão assistir safadeza ai os menino as vez novinho com idade de 12 anos já tão começam a ter relação, ai as vez é uma gravidez indesejada né? Olhe ai o problema”.

Por outro lado, culturalmente, os homens são ensinados a não demonstrarem sentimentos ou fragilidade e buscar os serviços de saúde pode indicar isso. O homem é socializado para se ver como uma pessoa forte e autônoma, cuja sexualidade deve ser exercida como prova de masculinidade (dentro e/ou fora do próprio domicílio). A criação dos filhos e o cuidar dos outros são vistos como atividades femininas. Essa criação obedece a formas de construção da realidade que os sujeitos nem escolhem nem fazem as categorias significantes do mundo social.

... inscrita nas coisas, a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados (basta lembrarmos, por exemplo, as condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos. (BOURDIEU, 2003, p.34).

Pensando nessa linha, pode-se afirmar que gênero e sexualidade não passam de criações sociais que se manifestam sobre os mais diversos aspectos, fruto de um longo e coletivo processo de socialização, vivificado nas ações dos indivíduos, presente nas instituições, impresso nas maneiras e formas de lidar com o corpo e marcado nos modos mais expressivos.

As aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjungam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada (os ‘gêneros’ como habitus sexuais), como o fundamento in natura da arbitrária divisão que está no princípio não só da realidade como também da representação da realidade e que se impõe por vezes à própria pesquisa” (BOURDIEU 1999, p. 09-10)

Com isso, mostram que existem particularidades e formas diversificadas quanto ao tratamento das diferenças sexuais, pois são elas mesmas criações humanas, de caráter classificador e significante das relações sociais.



Essas questões já são consideradas para a construção de uma política nacional de saúde do homem como podemos ver abaixo:

Uma preocupação geral com a saúde do homem, devido as relações de gênero e a dificuldade de se perceber e denunciar-se como vulnerável à doenças, foi lançado a política nacional de saúde do homem. Assim, esse documento admite que grande parte da não-adesão às medidas de atenção integral, por parte do homem, decorre de várias variáveis culturais. Os estereótipos de gênero, enraizados há séculos em nossa cultura patriarcal, potencializam práticas baseadas em crenças e valores do que é ser masculino. A doença é considerada um sinal de fragilidade que os homens não reconhecem como inerentes á sua própria condição biológica ( BRASIL, 2008).

Destarte, em uma sociedade tradicional onde o sexo é algo que não deve ser falado, a não ser entre os grupos de amigos como curiosidade ou brincadeira ou de forma distante, na escola, elas se tornam ainda mais enfáticas. Falar sobre saúde reprodutiva com os jovens rurais de Orobó, como vimos, significa falar da vida sexual apenas dos rapazes, mesmo assim, estes, o fazem como se estivessem falando teoricamente, não de suas próprias práticas, apesar de admitirem que para eles isso é possível.

Os conhecimentos sobre as doenças não implicam, necessariamente, em práticas de prevenção, apenas, em uma forma de indicar que esses jovens fazem parte de um universo de informações que o qualifica como vivendo a juventude como uma condição social que tem como valor socialmente aceito, a informação.

É importante considerar que estávamos, a pesquisadora e os atores, rapazes, em uma relação de gênero que, no contexto pesquisado, limitava a capacidade dos rapazes de falar sobre o assunto. Assim, isso era sempre revelado de forma tímida e sem maiores detalhes, olhando para baixo, sorrindo e falando com poucas palavras, o corpo dos mesmos expressava a “proibição” de se falar de algo que deve ficar no universo masculino, para uma pessoa do outro gênero.

Mesmo assim, não era difícil, no ambiente da escola, perceber grupos de rapazes ou de moças falando sobre namoro, sexo, casamento. Entre eles, a conversa se dava mais em tom de brincadeiras e entre elas, como curiosidade. Uma moça solteira nunca narraria uma relação sexual, apenas as mulheres casadas, o fazem em termos de ensinamento para as que não sabem. Esta, inclusive foi uma das distinções percebidas entre os jovens rurais e urbanos daquele pequeno município. Marcado pela *hexis* corporal, a forma

“desenrolada” da moça da cidade, deve ser confirmada no discurso aberto e sem preconceito sobre questões sexuais.

Por parte dos rapazes, o conhecimento sobre as DSTs tanto é adquirido na escola, como através das conversas de experiências de amigos, sendo, muitas vezes, essa última a maneira mais fácil de conhecer. Sendo a sexualidade um tabu naquele meio, os mesmos demonstravam ter algum conhecimento sobre as doenças, considerarem a importância do uso do preservativo, mas, demonstravam corporalmente uma vergonha de falar das questões sexuais, tratando-as também de forma teórica. O uso do preservativo foi indicado por eles como necessidade antes do casamento e com as mulheres que “arrumam por fora”, mas, com a esposa, ou futura esposa por eles idealizada: *moça* virgem, apenas dele, falaram não haver essa necessidade.

Ao compreendermos que a saúde deve ser pensada de maneira holística, discutir a saúde sexual dos jovens rurais, deve significar ter um olhar específico para esses jovens, políticas de saúde que levem em conta as questões culturais, as emoções expressas ou omitidas no medo de evidenciar a vivência da sexualidade e até de demonstrar conhecimento por medo do julgamento, como no caso das *moças*. Que busquem compreender as questões morais que levam estes jovens a selecionarem com quem deve se prevenir das doenças.

## Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W. BRANCO, P. P. M. **Retratos da Juventude Brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. Ministério da saúde: **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem**. 2008.

BRUMER, A. ; SPANEVELLO, R. . **Jovens agricultores familiares da Região Sul do Brasil** (Relatório de Pesquisa) - janeiro 2008. Porto Alegre 2008 (Relatório de pesquisa).

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma história dos Costumes. vol. 1. Editora Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1994.

GAUDÊNCIO, Edmundo de Oliveira. Sociologia da Maldade & Maldade da Sociologia: Arqueologia do Bandido. Campina Grande-PB, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UFCG/Campina Grande, 2004. (Tese de Doutorado).

GOMES. Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1978.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GOLDEMBERG, Mirian. **O discurso sobre o sexo: diferenças de gênero na sexualidade Carioca**. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda. **Culturas Jovens**. Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

GOMES. Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**. Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GUPTA, A. & FERGSON, J. **Além da “Cultura”**: Espaço, Identidade e Política da Diferença. In: Cultural Anthropology, Volume 7, número 1, 1992.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós Modernidade**. Editora DP&A. Rio de Janeiro, 2005.

LE BRETON, David. Antropologia do corpo e modernidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. A sociologia do corpo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. As Paixões ordinárias: antropologia das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LONGHI, Márcia Reis. Afetividade, gênero e relações intergeracionais na perspectiva de jovens e famílias. In: SCOTT, P.;ATHIAS, R.;QUADROS, M. T. **Saúde, Sexualidade e Famílias Urbanas, Rurais e Indígenas**. Recife: Editora Universitária- UFPE, 2007.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MATOS, Maria Izilda S. de. “Outras Histórias: as mulheres e estudos de gênero – percursos e possibilidades”. In.: **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda S. de (Orgs.) et ali. São Paulo: EDUC, 1997.

MAUSS, M. “A Expressão Obrigatória dos Sentimentos”. In: Marcel Mauss: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_, “Noção de técnicas corporais. In: Marcel Mauss: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2001.

MENDRAS, H. **Sociedades Camponesas**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro: 1978.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (org.) **Juventude e Sociedade**. Trabalho, Educação, Cultura e Participação. Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2004.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Imprensa Nacional casa da moeda: Lisboa: Portugal, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Construção Sociológica da Juventude**: alguns contributos. Revista Análise Social V. XXV (101-106), 1990. p. 139 -165.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. Juventude rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.

\_\_\_\_\_, **As construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano em um pequeno município**. Tese de doutorado apresentada ao PPGS – UFPE: Recife, 2010.

PHILIPPE, Adam; HERZLICH Claudine. **Sociologia da doença e da medicina**. Editora EDUSC, São Paulo, 2001.

RESSEL, Lucia Beatriz; GUALDA, Dulce Maria. **A sexualidade como uma construção cultural**: reflexões sobre preconceitos e mitos inerentes a um grupo de mulheres rurais. Rev Esc Enferm USP, 2003; V 37(3):82-7.

SALEM, Tânia. Homem já viu né? Representações de sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: Helborn. Maria Luíza. (Org.) **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

SARTI, cnthia. Corpo e doença: no trânsito dos saberes. Revista Brasileira de ciências sociais, v. 25. Nº 74, 2010.

SILVA, Vanda Aparecida. **Menina Carregando Menino...**: Sexualidade e família entre jovens de origem rural num município do Vale do Jequitinhonha.(MG). Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – SP, 2005.

SCOTT, Joan. "Gênero: Uma categoria útil para análise histórica". Recife: SOS Corpo, 1993.

SCOTT, P.; ATHIAS, R.; QUADROS, M. T. **Saúde, Sexualidade e Famílias Urbanas, Rurais e Indígenas**. Recife: Editora Universitária- UFPE, 2007.

\_\_\_\_\_. **Gênero: uma categoria de análise histórica**. Revista Educação e Realidade, Vol.15, nº 2 jul/dez. 1990.

SPOSITO, Marília Pontes. **Espaços Públicos e tempos juvenis**. Um estudo de ações do poder público em cidades e regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si** - Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

\_\_\_\_\_. "**Gênero, Masculinidade e Poder**: Revendo um caso do sul de Portugal". In *Anuário Antropológico-95*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

VEIGA, José Eli. **Cidades Imaginárias**. O Brasil é menos urbano do que se calcula. 2ª ed. Editora: autores Associados. Campinas, 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O Mundo Rural como Espaço de Vida**, reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

\_\_\_\_\_. Jovens rurais de Pequenos Municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauá X, 2007.

\_\_\_\_\_. Urbanização e Ruralidade: Relações entre a Pequena Cidade e o Mundo Rural: Estudo Preliminar Sobre os Pequenos Municípios em Pernambuco. In: LOPES, E. S.; MOTA, D. M.; SILVA, T. E.M. **Ensaio de Desenvolvimento rural e transformações na agricultura**. Embrapa Tabuleiros Costeiros/UFS: Sergipe, 2002.p.21-40.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Thadeu Thomaz. da.(org.) **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos culturais. Stuart Hall e Kathryn Woodward. 7ª Ed. Editora Vozes: Petrópolis- RJ, 2007.

WOORTMANN E. WOORTMANN K. **Fuga a Três Vozes**. Ed. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1993.

WOORTMANN, K. **Com Parente Não Se Negoceia**. O campesinato como ordem moral. Editora Universidade de Brasília / Tempo Brasileiro: Brasília-DF/Rio de Janeiro,1990.